

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 7 - 2018



Editorial Note

José Neves

Práticas da História, n.º 7 (2018): 7-10

www.praticasdahistoria.pt

Editorial Note

José Neves*

This is the seventh issue of *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*. Since our first issue that we have been focused on analysing and discussing diverse ways of being aware of and making sense of history. Reflecting this diversity, the current issue brings together studies on historiographical trends playing an important role in university circles in the field of History (as is the case of the *Begriffsgeschichte*), as well as on the products resulting from the most recent technological and commercial developments, as is the case of digital historical games, in which regard this issue contains the article “World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes”, by historian Robert Houghton. As for *Begriffsgeschichte* (Conceptual History), this is the subject of our forum, in which historians Fátima Sá e Melo Ferreira and Sérgio Campos Matos, both of whom are part of the *Iberconceitos* project, propose a combined reading of two seminal texts: “Categories, Classes and Identities in Time. Escaping Chronocentric Modernity”, by historian Javier Fernández Sebastián, and “Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar (Revisto)”, by historian António M. Hespanha. This issue also includes an article that seeks to examine, from a new critical perspective, a methodological question that has long been a subject of discussion among historians: in “Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)”, Cláudio DeNipoti discusses the practice of successive citations by historiography and, through a case study, describes how this practice validated a rumor that, through its repetition, originated a new historical event.

2018 marks the bicentenary of the birth of Karl Marx, who died in 1883, in London, having been born in Trier, in 1818. It is thus no coincidence

* IHC-NOVA.

that most of the pages of this issue contain a set of articles and essays that, directly or indirectly, underscore the role that Marx's work and the Marxist tradition have played in historiographical production and discussions from the late 19th century onward. There is no doubt that, as the curtain fell on the 20th century, historiography seriously questioned the intellectual and scientific credibility of Marxism. An effect of this questioning was, for example, the relegation of an author who had wielded significant influence during the second half of the 20th century, Louis Althusser, to whom philosopher Irene Viparelli dedicates the essay "A importância teórica dos *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser". Other Marxist writers did not, however, see their relevance wane after the fall of the Berlin Wall. It was in the 1990s that the work of Eric Hobsbawm – about which historian George Souvlis has written the article "The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works" – achieved its greatest editorial success. The continued importance of Marxism in historiography is also revealed in the article by historian Sanjay Seth, who analyses the contributions of Post-colonialism for Nationalism Studies. In "Pós-colonialismo e a História do Nacionalismo Anticolonial", Seth focus on *Subaltern Studies*, a historiographical tradition that, in recent decades, has achieved widespread international prominence in Anglo-Saxon academic circles and beyond, and places them in the context of their close initial relationship with Marxism. Even the works of Marx and Engels continued to be republished after the fall of the USSR and – inevitably – were examined in a new light. While maintaining their place in the canon of the History of Political Thought, texts such as the Communist Party Manifesto are nowadays re-appropriated by theoretical currents that are relatively independent of the Marxist tradition, as can be seen in the article in this regard by philosopher José Miranda Justo ("Heterogeneidades – uma perspectiva invulgar da filosofia da história a partir do Manifesto Comunista"), calling into debate authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari. Last but not least, apart from the usual section of reviews, this issue also has an interview with historian Enzo Traverso. In his work on 20th century history and what – citing Georges Perec – he called the *mode d'emploi* of the past, Traverso has maintained a close relationship with Marxism, which is simultaneously one of the subjects of his studies and a theoretical and conceptual instrument for his research.

Nota Editorial

Este é o sétimo número da revista *Práticas da História – Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*. Como indica o título da publicação, a revista tem-se interessado em analisar e debater diversas formas de ser sensível e dar sentido à história. Sinal desta diversidade é o facto de o presente número reunir estudos quer sobre tendências historiográficas que ocupam um lugar importante no domínio universitário da disciplina de História, como é o caso da *Begriffsgeschichte* (História dos Conceitos), quer acerca de produtos de desenvolvimentos tecnológicos e comerciais mais recentes, como é o caso dos *digital historical games*, a propósito dos quais publicamos aqui o artigo «World, Structure and Play: A Framework for Games as Historical Research Outputs, Tools, and Processes», do historiador Robert Houghton. Quanto à *Begriffsgeschichte* dedicamos-lhe o nosso Fórum, no qual os historiadores Fátima Sá e Melo Ferreira e Sérgio Campos Matos, ambos integrantes do projeto «Iberconceitos», propõem a leitura combinada de dois textos seminais: «Categories, Classes and Identities in Time. Escaping Chronocentric Modernity», do historiador Javier Fernández Sebastián, e «Categorias. Uma reflexão sobre a prática de classificar (revisto)», do historiador António M. Hespanha. O presente número inclui ainda um artigo que procura olhar, desde um novo ângulo crítico, uma questão metodológica que há muito constitui motivo de reflexão entre historiadores: em «Historiadores citando historiadores: afirmações de verdades e a construção do discurso histórico (Diogo Borel e as traduções da Constituição francesa)», Cláudio DeNipoti discute a prática de citações sucessivas pela historiografia e, através de um estudo de caso, descreve como esta prática validou um rumor e, pela sua repercussão, esteve na origem de um evento histórico.

Em 2018 assinala-se o bicentenário do nascimento de Karl Marx, ele que morreu em 1883, em Londres, tendo nascido em Trier, em 1818. Não é, então, por acaso que a maior parte das páginas que fazem o presente número da nossa revista contam com um conjunto de artigos e ensaios que, de modo direto ou por efeito colateral, sublinham o lugar que a obra de Marx e a tradição marxista foram ocupando na produção e discussão historiográfica desde as últimas décadas do século XIX. É certo que, ao

cair do pano sobre o século XX, a credibilidade intelectual e científica do marxismo foi seriamente questionada pela historiografia. Efeito desse questionamento será, por exemplo, o esquecimento a que foi votado um autor que teve uma influência significativa na segunda metade do século XX, Louis Althusser, a quem a filósofa Irene Viparelli, nas páginas que se seguem, dedica o ensaio «A importância teórica de *Écrits sur l'histoire* de L. Althusser». Outros autores de proveniência marxista, porém, não viram a sua relevância diminuir após a queda do Muro de Berlim. Foi nos anos de 1990 que a obra historiográfica de Eric Hobsbawm – sobre o qual se centra o artigo «The Popular Front and Marxism in Eric Hobsbawm's Historical Works», do historiador George Souvlis – atingiu maior sucesso editorial. As próprias obras de Marx e Engels não deixaram de continuar a ser reeditadas após o fim da URSS e – inevitavelmente – interpeladas em termos renovados. Textos como o *Manifesto do Partido Comunista* (reeditado uma e outra vez por ocasião do seu 150^o aniversário ou, já este ano, por motivo do referido bicentenário do nascimento de Marx) mantiveram um lugar no cânone da História do Pensamento Político, sendo hoje reapropriados por correntes teóricas relativamente independentes da tradição marxista, como podemos verificar no artigo que lhe dedica o filósofo José Miranda Justo, convocando autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari. A persistência da importância do marxismo na historiografia revela-se também no artigo do historiador Sanjay Seth, no qual os contributos do pós-colonialismo para os estudos sobre nacionalismos são submetidos a uma genealogia que nos remete, entre outras proveniências, para os chamados *Subaltern Studies*. Constituindo uma das tradições historiográficas que, nas últimas décadas, alcançou maior projeção internacional no meio académico anglo-saxónico, os chamados *Subaltern Studies* são situados por Seth na sua imbricada relação com o marxismo. *Last but not the least*, além da costumeira secção de recensões, o presente número dá ainda a ler uma entrevista com o historiador Enzo Traverso. Nos seus trabalhos em torno da história do século XX e daquilo que – glosando Georges Perec – chamou os modos de usar o passado, Traverso tem mantido uma relação de proximidade com o marxismo, que a um tempo é objeto de estudos seus e instrumento teórico e conceptual ao serviço destas mesmas investigações.